

ASPECTOS DO PENSAMENTO SOCIAL E A CONSTRUÇÃO DO EU POLÍTICO DE SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN

Gisele Fernanda Fila Simioni¹

Luiz Rogério Camargo²

RESUMO

Neste artigo, buscou-se demonstrar como ocorre o desenvolvimento político e social do eu lírico, o qual foi nominado neste artigo como “eu político” nos poemas selecionados da antologia *Coral e outros poemas* (2018), escrito por Sophia de Mello Breyner Andresen. Nesse contexto, a metodologia utilizada é a bibliográfica, selecionando artigos, revistas e livros que fornecessem embasamento teórico sobre Sophia, o conceito de política e os temas abordados pela poeta em seus textos. Com base nisso, constatou-se que o aparecimento de temas políticos em seus poemas acontece de forma gradual e sutil no decorrer dos anos em que Salazar estava à frente do Estado Novo. À medida que o cenário político de Portugal foi se transformando com o fim da ditadura, os assuntos trabalhados por Sophia em seus poemas passaram a ter uma denúncia mais evidente.

Palavras-chave: Sophia de Mello Breyner Andresen. Política. Salazarismo. Ditadura Portuguesa

¹ Aluna do 4º período do curso de Letras da FAE Centro Universitário. Bolsista do Programa de Apoio à Iniciação Científica (PAIC 2021/2022). E-mail: gisele.fila@mail.fae.edu

² Orientador da Pesquisa. Doutor em Estudos Literários pela Universidade Federal do Paraná. Professor da FAE Centro Universitário. E-mail: rogerio.camargo@fae.edu

INTRODUÇÃO

Sophia de Mello Breyner Andresen foi uma importante poeta portuguesa, que nasceu em 6 de novembro de 1919, no Porto. Em 1940, Sophia se formou em Filosofia Clássica, na Universidade de Lisboa e, em 1944, publicou seu primeiro livro de poemas, *Poesia*. Após ter se tornado mãe, começou a escrever obras infantis para seus filhos e daí por diante passou a atuar também como contista, a escrever peças de teatro e a traduzir obras famosas de Eurípides, Shakespeare, Dante e outros.

Além de escritora, Sophia teve participação direta na política portuguesa, sob cargo de deputada entre os anos 1975 e 1976, com forte posicionamento contra o regime salazarista. Embora a carreira tenha sido curta, ela não deixou de registrar sua posição política em seus textos. Além disso, Sophia foi a primeira mulher a receber o Prêmio Camões, em 1999, a mais importante honraria da literatura de língua portuguesa.

O estudo da política é um tema relevante por fazer parte da vida social de todo cidadão. No caso da obra de Sophia, embora a poeta parta do cenário político e econômico de Portugal durante o período do regime salazarista, muitas de suas críticas fazem parte do cenário político de países subdesenvolvidos ou que passam por problemas governamentais.

Através da leitura da obra de Sophia, é possível identificar poemas nos quais a autora critica a falta de políticas públicas no que tange aos mais necessitados, fala da fome, da pobreza, da desigualdade, e do regime ditatorial português, além do exílio dos cidadãos contrários a ele. Sobre isso, é bastante evidente o posicionamento contrário de Sophia a governos de direita e ao regime fascista instaurado em Portugal entre os anos de 1926 e 1968.

No que diz respeito à obra de Sophia como um todo, é possível estudar temas diversos, porém, foi definido como objeto de estudo a questão política, por se tratar de um tema sempre atual. Com isso, buscou-se entender como se dá a construção do eu político nos poemas de Sophia a partir da antologia *Coral e outros poemas* (2018). Para tanto, estudou-se o conceito de política de forma geral. Em seguida, foi analisado esse conceito e o relacionamos com os poemas selecionados, procurando entender a construção do eu político e social em sua obra.

1 O CONCEITO DE POLÍTICA

Política é definida em várias esferas. O termo vem de origem grega: *tá polítika* que, por sua vez, origina-se da palavra *pólis* e significa cidade. Política pode ser definida

como uma relação de poder, como um partido, como um discurso, mas é comumente entendida como um conjunto de ações que têm impacto na sociedade; e por sua vez, se organiza com leis, direitos e deveres políticos governamentais dentro de um Estado civil na tentativa de garantir organização à medida que a sociedade cresce e se desenvolve (BOBBIO; MATTEUCCI; PASQUINO, 1998, p. 954).

Aristóteles, em sua obra *Política* (1998), afirma que: “O homem é, por natureza, um ser vivo político” (ARISTÓTELES, 1998, p. 53). Ainda de acordo com o filósofo, a natureza do ser humano o difere dos outros animais através de suas capacidades de fala e de discernimento entre bem e mal, justo e injusto etc. A partir disso, pode-se dizer que a política está instaurada internamente e naturalmente no homem por fazer parte da vida em sociedade desde o momento que o ser humano deixou o estado natural e foi evoluindo enquanto espécie, vivendo em comunidade e criando o senso de justiça:

A razão pela qual o homem mais do que uma abelha ou um animal gregário, é um ser vivo político em sentido pleno, é óbvia. [...] perante os outros seres vivos, o homem tem as suas peculiaridades: só ele sente o bem e o mal, o justo e o injusto; é a comunidade destes sentimentos que produz a família e a cidade. (ARISTÓTELES, 1998, p. 55).

De acordo com o *Dicionário de Filosofia* (2007), os dois primeiros conceitos de política vêm justamente de Aristóteles. Num primeiro momento, sua análise sobre tal considerava a política como um tipo de ciência e, dentro desta ciência, a predominância era a visão da justiça como foi visto anteriormente, pois foi através desta consciência de justiça que o ser humano foi se tornando um ser político. Já o segundo ponto destacado também pelo filósofo vem da política como forma de Estado para a sociedade “Segundo Aristóteles, a P. tem duas funções: 1ª descrever a forma de Estado ideal; 2ª determinar a forma do melhor Estado possível em relação a determinadas circunstâncias” (ABBAGNANO, 2007, p. 774).

É, porém, através da visão de Platão que a política passou a ser estudada como uma ciência de governo, ele a nomeou como “ciência régia” (ABBAGNANO, 2007, p. 774). O termo ainda pode ser considerado uma atividade na qual o sujeito que sofre a ação é a *pólis*, ou seja, o Estado (BOBBIO; MATTEUCCI; PASQUINO, 1998, p. 954). E é em torno deste Estado em que tudo que se refere à política ocorre, essa junção de ações sociais e conseqüentemente a existência do poder (BOBBIO; MATTEUCCI; PASQUINO, 1998, p. 954).

Nos casos de regimes democráticos, há maior chance de que a busca pelo bem comum exista na prática, embora ainda haja corrupção em diversas esferas governamentais. Já em regimes ditatoriais isso não ocorre nem mesmo em teoria, o

modelo de poder deste caso se assemelha muito mais ao poder despótico do que o modelo de poder político, e acaba sendo um dos objetos de estudo dentro da obra de Sophia também, ao criticar o governo português durante o regime salazarista.

2 A POLÍTICA NA OBRA DE SOPHIA

Dentre os inúmeros temas abordados em sua obra, Sophia problematiza a luta das pessoas mais pobres por melhores condições de vida em seu próprio país. Exemplo disso está no poema “Esta gente”, originalmente publicado no livro *Geografia* (1967):

ESTA GENTE

Esta gente cujo rosto
Às vezes luminoso
E outras vezes tosco

Ora me lembra escravos
Ora me lembra reis

Faz renascer meu gosto
De luta e de combate
Contra o abutre e a cobra
O porco e o milhafre

Pois a gente que tem
O rosto desenhado
Por paciência e fome
É a gente em quem
Um país ocupado
Escreve seu nome

E em frente desta gente
Ignorada e pisada
Como a pedra do chão

E mais do que a pedra
Humilhada e calcada

Meu canto se renova
E recomeço a busca
De um país liberto
De uma vida limpa
E de um tempo justo. (ANDRESEN, 2018, p. 202).

A poeta utiliza quatro figuras de animais no poema. Com o termo “abutre”, é possível estabelecer um paralelo direto com outro texto, especificamente “O velho abutre”, publicado em *Livro Sexto* (1962):

O VELHO ABUTRE

O velho abutre é sabido e alisa as suas penas
A podridão lhe agrada e seus discursos
Têm o dom de tornas as almas mais pequenas. (ANDRESEN, 2018, p.194).

Pela comparação, a referência do abutre pode ser ligada aos políticos, neste caso, especificamente à figura do ditador português António de Oliveira Salazar. Conforme entrevista concedida por Sophia a José Carlos de Vasconcelos, para o *Jornal de Letras*, em 1991:

P. – E a Sophia, apesar de um tom sempre de uma grande elevação, até com um aparente distanciamento, tem dos poemas mais directos e até violentos, como, por exemplo, *aquele obviamente sobre Salazar*: [...] Neste poema, como em outros, parece que chegou ao osso, que há uma longa e sofrida indignação que a certa altura cristalizou em poesia...

R. – Penso que sim, é um bocado isso. É uma poesia sem retórica. É um poema não é um panfleto. Haverá às vezes em «O nome das coisas» um certo tom panfletário, mas foi um livro escrito perto de mais. (ANDRESEN, 1991, p. 10, grifo nosso).

Por trinta e cinco anos, Salazar foi o chefe de governo do Estado Novo, regime ditatorial de Portugal que durou quarenta e um anos (1933 a 1974). A respeito dele, Sophia deixou clara sua contrariedade ao modelo de governo instaurado no país naquele período.

Lima e Camargo afirmam que “Popularmente, a expressão abutre pode se referir a alguém que tenta enganar outras pessoas. Nesse caso, enganar também pode ser uma forma de repressão para conseguir o que se quer com falsas palavras” (LIMA; CAMARGO, 2020, p. 457). Junto ao abutre, porém, Sophia usa outras figuras que, lidas no contexto do poema, também se relacionam aos maus governantes, sendo elas: a cobra, o porco e o milhafre.

No caso da simbologia da cobra, há uma dualidade de aspectos, tanto positivos quanto negativos. No lado negativo, este animal é vinculado à traição e à falsidade, relacionado à religião por ser a serpente quem levou Eva a cometer o primeiro pecado. Conforme o livro de *Gênesis da Bíblia Sagrada*, a serpente é vinculada à corrupção e à tentação:

- É verdade que Deus mandou que vocês não comessem as frutas de nenhuma árvore do jardim?

A mulher respondeu:

- Podemos comer as frutas de qualquer árvore, menos a fruta da árvore que fica no meio do jardim. Deus nos disse que não devemos comer dessa fruta, nem tocar nela. Se fizermos isso, morreremos.

Mas a cobra afirmou:

- Vocês não morrerão coisa nenhuma!

Deus disse isso porque sabe que, quando vocês comerem a fruta dessa árvore, os seus olhos se abrirão, e vocês serão como Deus, conhecendo o bem e o mal. (BÍBLIA, 2011, p. 5).

Por outro lado, a serpente é símbolo de sabedoria e cura, estando presente no bastão de Asclépio, símbolo da Medicina.

No que diz respeito à sabedoria, também no livro de *Genesis* lê-se que “A cobra era o animal mais esperto que o Senhor Deus havia feito» (BÍBLIA, 2011, p. 5). O milhafre, por sua vez, é uma espécie de ave de rapina. Conforme a literatura chinesa, há referências ao milhafre ou milhano, como sendo um pássaro vulgar e falante (OLIVEIRA, 2005, p. 86).

Por fim, o porco é relacionado à gula, à luxúria e à crueldade. No caso dos porcos selvagens ou javalis, a maior parte das simbologias animais vem das religiões. Para os gregos, a simbologia do animal alinha-se a muitos dos pecados capitais repulsos pela religião Cristã, conforme se lê em Pastore: “Símbolo glutão e de egoísmo, eles teriam asas de acordo com a simbologia grega. Para esse povo, o porco representa também luxúria, avareza, preguiça, obstinação e ignorância, todavia igualmente pode ser símbolo de maternidade e fertilidade” (PASTORE, 2009, p. 84).

Através da contextualização simbólica desses quatro animais, é possível relacioná-los com a denúncia que Sophia fez em seus poemas a respeito de António Salazar. A imagem da serpente simbolizada como traidora, porém muito inteligente, pode ser entendida como a característica engenhosa de Salazar ao se aproveitar do apoio religioso que recebeu para instaurar um regime ditador.

A figura do milhafre, relacionado, como seu viúvo, ao engano através de palavras doces e mansas, também pode ser correlacionada à sagacidade do ditador ao usar discursos brandos e conservadores envolvendo Deus em seu governo. Já o abutre, que é um animal imerso em sujeira e que se alimenta de cadáveres, faz-se um paralelo entre essa característica do animal e as ações de violência que a repressão do governo de Salazar causou aos militantes e exilados, a fim de obter vantagem própria. Por fim, no caso do porco, a relação simbólica do animal com Salazar é pela avareza e apego financeiro dos políticos envolvidos em corrupção.

Além do mais, é possível perceber que em “Esta gente” Sophia traz o embate do povo contra o governo no que diz respeito ao combate à corrupção, à violência e à crueldade, tendo como objetivo a liberdade e a justiça. Junto disso, no texto, há a crítica a respeito do quanto, para a população pobre, as leis são fracas ou falhas, visto que esse povo é esquecido, como se lê no trecho “E em frente desta gente/ ignorada e pisada/ como a pedra do chão” (ANDRESEN, 2018, p. 202).

Frente ao esquecimento do povo e às necessidades mais básicas não atendidas, a abordagem sobre a fome nos versos “Pois a gente que tem/O rosto desenhado/ Por paciência e fome/ (ANDRESEN, 2018, p. 202) nos remete à crise econômica que o país vivia desde a Segunda Guerra Mundial e que foi agravada pela tentativa de manter os países colonizados sob poder de Portugal “A guerra colonial já estava deflagrada nos territórios portugueses na África e o poder de Salazar resistia com muita dificuldade (SECCO, 2004, p. 105) (sic) em virtude da crise econômica por que passava” (SOUZA; SPARAMBERGER, 2014, p. 89).

Também é possível relacionar a fome às necessidades culturais censuradas pela ditadura que foram abolidas pelo “25 de abril”. Vemos isso na citação de Maués sobre a entrevista concedida por Maria da Piedade e Pina Mendes, responsáveis pelo Departamento Editorial da Bertrand:

O “25 de Abril” trouxe ao nosso país profundas alterações políticas, sociais e econômicas: a censura foi abolida, houve, por parte do público, um interesse por temas até aí proibidos ou escamoteados, *fome de cultura* e houve, por outro lado, uma melhoria substancial das condições de vida. (Entrevista, 1979, p. 8 *apud* MAUÉS, 2012, p. 320, grifo nosso).

Com isso, percebe-se que a autora traz uma linha de discussões e acontecimentos em seus textos no decorrer das publicações de seus livros. Em “Porque”, de *Mar Novo* (1958), há corrupção e falsidade como temas presentes novamente, porém neste poema o eu lírico conversa com quem ele se refere apenas como “tu”. Esse “tu” é admirado por suas virtudes em relação a um povo corrompido pela falsidade, astúcia e corrupção:

PORQUE

Porque os outros se mascaram mas tu não
Porque os outros usam a virtude
Para comprar o que não tem perdão.
Porque os outros têm medo mas tu não.

Porque os outros são os túmulos caídos.
Onde germina calada a podridão.
Porque os outros se calam mas tu não.

Porque os outros se compram e se vendem
E os seus gestos dão sempre dividendo.
Porque os outros são hábeis mas tu não

Porque os outros vão à sombra dos abrigos
E tu vais de mãos dadas os perigos
Porque os outros calculam mas tu não. (ANDRESEN, 2018, p.133).

No texto, identifica-se o tema da corrupção sendo abordado na terceira estrofe “Porque os outros se compram e se vendem” (ANDRESEN, 2018, p.133). Por corrupção entende-se todo comportamento em busca de vantagem própria por uma figura de posição favorável que age em caráter ilegal, mas o conceito de corrupção é muito mais abrangente estando presente dentro e fora do caráter político. Segundo Brei devido à essa complexidade, há uma dificuldade para um consenso da definição:

O termo corrupção inclui uma enorme diversidade de atos: trapaça, velhacaria, logro, ganho ilícito, desfalque, concussão, falsificação, espólio, fraude, suborno, peculato, extorsão, nepotismo e outros. Isso cria razoável dificuldade para se chegar a uma definição consensual. O fenômeno pode ser observado numa gradação quase infinita. Vai de pequenos desvios de comportamento à total impunidade do crime organizado, por parte das várias áreas e níveis governamentais. (BREI, 1996, p. 65).

No primeiro verso da primeira estrofe, “Porque os outros se mascaram mas tu não” (ANDRESEN, 2018, p. 133), há também a questão da hipocrisia e falsidade pelos outros mostrarem apenas a aparência e não a realidade. Ambos os conceitos são alimentados pelo termo “mascaram”, presente na primeira estrofe.

Conforme Ana Paula Silva (2014) afirma em sua análise sobre o poema “Porque” de Sophia, o “tu” do poema representa o cidadão que enfrenta as represálias do governo em busca de dar voz aos injustiçados. Essa resistência do “tu” ocorre a partir das atitudes de honra e honestidade presentes na descrição de suas ações no poema. Outra possível análise da voz poética deste poema é a personificação da figura de honra do cidadão que denuncia as injustiças sociais sem o receio da censura: “Enquanto os outros se disfarçam para esconder os seus defeitos e pecados, o tu confronta as pessoas com a verdade sem medo de represálias. Assim sendo o tu pode representar aquele que denuncia as injustiças sociais” (SILVA, A., 2014).

A intervenção social citada acima vai ao encontro da ideologia de um mundo justo e igualitário a todos, valores defendidos em modelos de economia contrários ao capitalismo. Com isso, ao lermos o poema “Nesses últimos tempos”, texto de *O nome das Coisas* (1977), o aparecimento e amadurecimento do eu político de Sophia começa a se tornar menos sutil, ela aborda diretamente a política entre esquerda e direita conforme vemos abaixo:

NESTES ÚLTIMOS TEMPOS

Nestes últimos tempos é certo a esquerda fez erros
Caiu em desmandos confusões e praticou injustiças

Mas que diremos da longa e tenebrosa e perita
Degradação das coisas que a direita pratica?

Que diremos do lixo do seu luxo – de seu
Viscoso gozo da nata da vida – que diremos
De sua feroz ganância e fria possessão?

Que diremos de sua sábia e tácita injustiça
Que diremos de seus conluios e negócios
E do utilitário uso dos seus ócios?

Que diremos de suas máscaras álibis e pretextos
De suas fintas labirintos e contextos?

Nestes últimos tempos é certo a esquerda muita vez
Desfigurou as linhas do seu rosto

Mas que diremos da meticulosa eficaz expedita
Degradação da vida que a direita pratica? (ANDRESEN, 2018, p. 285, grifo nosso).

O primeiro ponto a entender neste poema é a definição de esquerda e direita dentro da política. No *Dicionário de Política* (1998) a esquerda-direita aparece como espaço político que divide ideologias divergentes. É através desse espaço que muitos cidadãos classificam os princípios morais e políticos de acordo com um “lado”.

São esses dois espaços políticos com ideias divergentes que trazem a discussão acerca de o que cada lado representa em ações concretas. A esquerda caracteriza uma ideologia em busca da igualdade social, através da representação das minorias. Essa busca pela igualdade social ocorre através de interferência do Estado na economia, isso se lê em “A esquerda é o espectro ideológico que pretende empoderar grupos subrepresentados (*sic*) nas esferas de poder” (SILVA, G., 2014, p. 156). Isso também é visto quando Silva faz referência de Bresser e Pereira sobre a análise dos autores acerca da definição de Bobbio: “Bobbio diz que é de esquerda quem defende a igualdade, quem luta por uma distribuição de renda mais igual, por maior justiça social” (BRESSER; PEREIRA *apud* SILVA, 2014, p. 152).

Já a direita idealiza o conservadorismo familiar, incorporando a religião na política e uma economia voltada ao individual e não ao coletivo. Essas definições de direita deixam claro que durante o regime salazarista o modelo de governo adotado foi de extrema direita com a participação da igreja católica e o foco no conservadorismo:

A direita é o conjunto de forças políticas que, em um país capitalista e democrático, luta sobretudo por assegurar a ordem, dando prioridade a esse objetivo, enquanto a esquerda reúne aqueles que estão dispostos, até certo ponto, a arriscar a ordem em nome da justiça – ou em nome da justiça e da proteção ambiental, que só na segunda metade do século XX assumiu estatuto de objetivo político fundamental das sociedades modernas. Adicionalmente, a esquerda se caracteriza por atribuir ao Estado papel ativo na redução da injustiça social ou da desigualdade, enquanto a direita, percebendo que o

Estado, ao se democratizar, foi saindo do controle, defende um papel do Estado mínimo, limitado à garantia da ordem pública, dando preponderância absoluta para o mercado na coordenação da vida social. (BRESSER; PEREIRA *apud* SILVA, G., 2014, p. 152).

Ambos os conceitos são frequentemente simplificados como a direita sendo favorável ao capitalismo ou aos cidadãos simpatizantes com essa ideologia conhecidos como “liberais” e a esquerda como os defensores do socialismo.

No poema “Nestes últimos tempos”, embora reconheça as falhas da esquerda portuguesa, Sophia afirma que nada se compara ao triste cenário que a direita deixou no governo. O poema escrito em 1976 ainda faz referência aos acontecimentos da ditadura, que foi derrubada em 1974.

Já com o termo “nata”, usado na segunda estrofe do poema, pode ser ligado à expressão “nata da sociedade”, neste contexto é uma acepção dos membros da elite ou com poder de influência. Dado que o termo aparece num texto de cunho político entende-se que essa alta sociedade inclui os políticos defensores da direita. Em se tratando de figuras políticas, Sophia traz a aversão novamente à figura do ditador Salazar em “Com fúria e raiva”, também de *O nome das coisas* (1977):

COM FÚRIA E RAIVA

Com fúria e raiva acuso o demagogo
E o seu capitalismo das palavras

Pois é preciso saber que a palavra é sagrada
Que de longe muito longe um povo a trouxe
E nela pôs sua alma confiada

De longe muito longe desde o início
O homem soube de si pela palavra
E nomeou a pedra a flor a água
E tudo emergiu porque ele disse

Com fúria e raiva acuso o demagogo
Que se promoveu à sombra da palavra
E da palavra faz poder e jogo
E transforma as palavras em moeda
Como se fez com o trigo e com a terra. (ANDRESEN, 2018, p. 272).

Nesse poema, é possível relacionar a imagem do demagogo com as figuras já mencionadas do abutre e do milhafre. Correlacionando-as, entende-se que as três tiveram o foco de personificar a ação de quem persuade o povo através de discursos enganosos, com o propósito de conseguir algo em benefício próprio.

Originalmente o termo “demagogo” vem do grego e nada mais era do que o representante político do povo: “era chamado demagogo na antiga Grécia, aquele que, sendo homem de Estado ou hábil orador, sabia conduzir o povo” (BOBBIO; MATTEUCCI; PASQUINO, 1998, p. 318). Foi através de Aristóteles que o significado da palavra passou a ter uma forma pejorativa e de definição da pessoa corrupta. Bobbio, Matteucci e Pasquino citam que “Aristóteles define, portanto, o demagogo como um ‘adulador do povo’” (BOBBIO; MATTEUCCI; PASQUINO, 1998, p. 318).

É perceptível que o demagogo também pode representar Salazar pelo ponto de vista de Sophia, como ocorre em “O velho abutre”.

3 CRÍTICAS AO CAPITALISMO

Quanto aos aspectos políticos que Sophia carrega em seus textos, ainda é possível identificar o posicionamento da autora contra o capitalismo, como vemos no poema “As pessoas sensíveis”, publicado originalmente em *Livro Sexto* (1962):

AS PESSOAS SENSÍVEIS

As pessoas sensíveis não são capazes
De matar galinhas
Porém são capazes
De comer galinhas

O dinheiro cheira a pobre e cheira
À roupa do seu corpo
Aquele roupa
Que depois da chuva secou sobre o corpo
Porque não tinha outra
O dinheiro cheira a pobre e cheira
A roupa
Que depois do suor não foi lavada
Porque não tinham outra

“Ganharás o pão com o suor do teu rosto”
Assim nos foi imposto
E não:
“Com o suor dos outros ganhas o pão”.

Ó vendilhões do templo
Ó construtores
Das grandes estátuas balofas e pesadas
Ó cheios de devoção e de proveito

Perdoai-lhes Senhor
Porque eles sabem o que fazem. (ANDRESEN, 2018, p. 191).

Embora a crítica ao capitalismo esteja presente neste poema principalmente na terceira estrofe, outro fator de destaque é a questão da hipocrisia do ser humano, abordada no poema através da ironia. O sarcasmo presente no texto avulta-se ao chamar esses exploradores de “pessoas sensíveis”.

Esse julgamento é direcionado em especial aos fiéis da igreja que usufruem de sua fé para a exploração dos outros visando lucro. Novamente é possível estabelecer uma relação à direita portuguesa neste período, uma vez que, durante a ditadura, a base da ideologia de Salazar era “Deus, Pátria, família e autoridade” (MARTINS, 2006, p. 12). Além de usar da ideologia conservadora e cristã, Salazar pôde contar com o apoio da igreja católica também em seu governo logo após o fim da Segunda Guerra Mundial:

Entre 1945 e 1951, com a fim da Segunda Guerra, a Igreja reforçou ainda mais a sua relação com a ditadura em prol do “milagre da paz” que o Estado Novo, sob as bençãos (sic) de Nossa Senhora de Fátima, foi capaz de realizar em Portugal. Enquanto a Europa sofria os horrores da guerra, os portugueses podiam render graças aos céus, pois estavam salvos de bombardeios e invasões. Por meio de uma carta dirigida ao cardeal Cerejeira em 1945, a Irmã Lúcia, uma das videntes de Fátima, confirmava que Salazar era o escolhido de Deus “para continuar a governar a nossa Pátria”. (MATHIAS, 2021).

Para contextualizar essa fé simulada, Sophia traz a imagem dos vendilhões do templo, que foram personagens descritos na *Bíblia Sagrada* como os vendedores que utilizaram da casa de Deus como comércio e foram expulsos por Jesus Cristo, conforme o trecho do livro de João 2:13-16:

Alguns dias antes da Páscoa dos judeus Jesus foi até a cidade de Jerusalém. No pátio do Templo encontrou pessoas vendendo bois, ovelhas e pompas; e viu também os que, sentados às suas mesas, trocavam dinheiro para o povo. Então ele fez um chicote de cordas e expulsou toda aquela gente dali e também as ovelhas e os bois. Virou as mesas dos que trocavam dinheiro, e as moedas se espalharam pelo chão. Ele disse aos que vendiam pombas: - Tirem tudo isso daqui! Parem de fazer da casa do meu pai um mercado! (BÍBLIA, 2011, p. 1256).

As referências bíblicas do poema aparecem ao Sophia ressignificar a frase de Jesus Cristo durante a sua crucificação: “Pai perdoa esta gente! Eles não sabem o que estão fazendo” (BÍBLIA, 2011, p. 1250). Em oposição à fala de Jesus, no poema de Andresen, o eu lírico deixa claro que a maldade feita por essas “pessoas sensíveis” é de maneira consciente ao afirmar: “Perdoai-lhes Senhor/ Porque eles sabem o que fazem” (ANDRESEN, 2018, p.191). Nesse sentido, Carreiro traz a perspectiva de

que o sujeito poético tem um papel fundamental na denúncia e exposição destes exploradores do povo:

Nesta linha de pensamento, o sujeito poético mostra-se contundente na terceira estrofe, quando denuncia inequivocamente a exploração dos trabalhadores humildes por aqueles que só pensam no lucro, tais como os “vendilhões do templo” invocados na quarta estrofe, bem como todos aqueles que apregoam os valores defendidos pela religião, mas que vivem em função dos bens materiais. [...] Ao contrário da referência bíblica, estas “pessoas sensíveis” estão a ser julgadas por algo que fizeram conscientemente e, por isso, não há perdão para a sua falta de escrúpulos (CARREIRO, 2016).

No poema, é possível compreender a crítica à precariedade que a grande maioria do povo vive para manter uma minoria, descrita como pessoas sensíveis de forma irônica, em ascensão social. Esta minoria é exposta por Sophia como hipócritas, os exploradores do povo que são fingidos por sua religiosidade como pessoas sensíveis, mas exploram os mais pobres da mesma forma como a personagem sensível do poema, que é incapaz de matar uma galinha, embora a coma.

4 ABORDAGEM HISTÓRICA NOS POEMAS DE SOPHIA – REPRESSÃO E CENSURA

Com sua bagagem pessoal em meio às lutas políticas e sociais, Sophia trouxe uma forte presença política nos poemas com o passar dos anos. Através de seu posicionamento, fez com que o salazarismo se tornasse um dos focos de seus textos e consequentemente as ações que deste regime. Nahas reconhece que a poeta utilizou metáforas como “grades” para denunciar a situação que os cidadãos passaram durante os anos de ditadura e a censura ocasionada por Salazar:

O contexto da ditadura salazarista será representado pela metáfora das grades na antologia que leva esse nome, e a voz poética que percorre os poemas vai nos denunciar esse tempo de horror, o que indica uma ruptura com os ideais de harmonia e religião procurados pela autora. (NAHAS, 2017, p. 78).

Nesse sentido, o texto “Exílio” retrata o cenário de violência e opressão que Andresen viu durante a ditadura. Na ocasião, muitos cidadãos foram mortos ou exilados por lutar pelo fim da ditadura ou ter se oposto a ela publicamente. Conforme Martins: “O Estado Novo português caracterizou-se pelo autoritarismo político e pela intervenção estatal na economia. Embora influenciado por idéias (sic) fascistas, sobreviveu à queda desses regimes europeus no final da Segunda Grande Guerra” (MARTINS, 2006, p. 6).

Mesmo no pós-guerra, quando o nazismo e outros regimes fascistas caíram, o governo de Salazar se manteve no poder por apoio da igreja católica, gerando muitas manifestações contrárias e vítimas da repressão. Segundo Mathias, durante esse período, o salazarismo se encontrou ameaçado pelo retorno dos regimes democráticos em países europeus, porém, com o apoio da Igreja, a ditadura se viu fortalecida para manter sua forma autoritária de governo:

Após a Segunda Guerra, mesmo diante da onda democrática que tomou a Europa, a Igreja portuguesa se manteve aliada à mentalidade autoritária dos anos 1930. Com a queda do nazismo e do fascismo, o Estado Novo se viu ameaçado, mas encontrou na Igreja um apoio fundamental para se manter de pé. (MATHIAS, 2021).

A coibição através da violência ao povo aparece no poema “Este tempo”, publicado em 1958 no livro *Mar novo*. Esse texto tem relação com outro poema do livro *O nome das coisas*, “Exílio”. Isso fica evidenciado quando a autora expõe a perda da liberdade dos cidadãos portugueses pelo silêncio e renúncia e em ambos os textos usa do termo “grades”:

ESTE É O TEMPO

Este é o tempo
Da selva mais obscura

Até o ar azul se tornou *grades*
E a luz do sol se tornou impura

Esta é a noite
Densa de chacais
Pesada de amargura

Este é o tempo em que os homens renunciam. (ANDRESEN, 2018, p. 132, grifo nosso).

Com “Exílio”, o texto indica o paralelo da renúncia de seu país decorrente do modelo de governo que estava implementado desde 1933. Visto que nesse período a ditadura ainda era realidade ativa do povo português, percebe-se que a voz do eu-lírico no tempo presente do poema não traz nenhuma atmosfera de esperança:

EXÍLIO

Quando a pátria que temos não a temos
Perdida por silêncio e por renúncia

Até a voz do mar se torna exílio
E a luz que nos rodeia é como *grades*. (ANDRESEN, 2018, p. 189, grifo nosso).

Há ao menos duas interpretações possíveis para o silêncio citado no poema. A primeira, uma crítica da poeta aos cidadãos coniventes com a situação. A segunda interpretação possível é de um silêncio instaurado pela violência do governo para com os manifestantes, através da morte ou exílio que ocorreu durante o regime político. Isso é visto também na fala de Nahas, em seu artigo *O confinamento em Grades: a poesia como resistência* (2017):

Nesse texto, temos uma breve mas incisiva quadra que expõe o aprisionamento e o isolamento de uma voz que se põe como voz coletiva. A pátria aparece nomeada em um tempo em “que não a temos” mais. O indivíduo surge separado de sua mãe-nação, pois ela foi perdida “por silêncio e por renúncia”. (NAHAS, 2017, p. 79).

Durante este período Portugal se encontrava em crise econômica, isso mantinha o país em déficit de desenvolvimento quando comparado aos demais países europeus. As finanças portuguesas eram ainda mais desperdiçadas na tentativa de o país combater a independência de suas colônias. Baseada nesta desigualdade gritante causada pela crise, Andresen traz à tona a justiça e igualdade também em “A forma justa”, de *O nome das coisas* (1977):

A FORMA JUSTA

Sei que seria possível construir um mundo justo
As cidades poderiam ser claras e lavadas
Pelo canto dos espaços e das fontes
O céu e mar e a terra estão prontos
A saciar a nossa fome do terrestre
A terra onde estamos – se ninguém atraiçoasse – proporia

Cada dia a cada um a liberdade e o reino
- Na concha na flor no homem e no fruto
Se nada adoecer a própria forma é justa
E no todo se integra como palavra em verso
Sei que é possível construir a forma justa
De uma cidade humana que fosse
Fiel à perfeição do universo

Por isso recomeço sem cessar a partir da página em branco
E este é meu ofício de poeta para a reconstrução do mundo. (ANDRESEN, 2018, p. 284, grifo nosso).

Neste texto, existe um ar idealizador de um mundo mais justo e igualitário, principalmente no que diz respeito à fome. No poema, também vemos a sutileza de suas críticas ao mostrar-se capaz de buscar um mundo melhor “se ninguém atraiçoasse” (ANDRESEN, 2018, p. 284), usando o sinônimo de trair, tema já identificado em outros textos da autora.

O período histórico do fim da ditadura salazarista conhecido também como Revolução dos Cravos ou Revolução de Abril. Esse movimento que deu fim ao regime salazarista ocorreu em 25 de abril de 1974 e, além da queda da ditadura salazarista, essa data implica no fim do exílio dos manifestantes que precisaram fugir do país. Conforme escreve Gomes, os textos refletem esse período da história portuguesa:

“O Nome das Coisas”, livro onde aparece este “A Forma Justa”, é um livro que reflecte (sic) o momento histórico do 25 de Abril — nele acompanhamos, em poemas, o pensamento de uma mulher que, ao abrir os olhos, nos alonga os horizontes; é nele que aparece *a madrugada que eu esperava/O dia inicial inteiro e limpo*. (GOMES, 2017, grifos do autor).

O destaque da citação acima pertence ao poema “25 de abril” também de *O nome das coisas* (1977). Por meio do título fica evidente que Sophia utilizou o fim do salazarismo como inspiração para o conteúdo dos poemas deste livro. Quando comparado o texto de “25 de abril” ao poema “A forma justa” percebe-se um paralelo nos grifos feitos sobre os dois poemas no que diz respeito as cidades limpas presente em “A forma justa” e no trecho grifado abaixo:

25 DE ABRIL

Esta é a madrugada que eu esperava
O dia inicial inteiro e limpo
Onde emergimos da noite e do silêncio
E livres habitamos a substância do tempo. (ANDRESEN, 2018, p. 268, grifo nosso).

No poema, percebe-se que o momento é de alívio e reflete a ansiedade de um povo reprimido que se vê finalmente livre. A aura do ambiente é descrita de maneira limpa, já a atmosfera em “Este é o tempo” foi definida como obscura no momento da ditadura “Este é o tempo/Da selva mais obscura” (ANDRESEN, 2018, p. 132). Roani e Machado apresentam essa relação entre o termo “noite” usado no terceiro verso e a “escuridão” como sensação de angústia de um povo reprimido: “A noite é o elemento a representar a escuridão, angústia, encobrimento, o obscurantismo em que as pessoas deveriam viver” (ROANI; MACHADO, 2015, p. 8).

Com isso, nota-se que Sophia, no cenário político, utilizou sua obra para dar voz aos silenciados, fazer resistência contra a ditadura e explicitou os sentimentos e momentos vividos pelo povo português desde o início do mandato de Salazar até a conquista democrática do 25 de abril.

5 METODOLOGIA

Para desenvolvimento deste projeto foi utilizado o método bibliográfico, através do estudo de obras escritas por Sophia de Mello Breyner Andresen, artigos e entrevistas que abordam a respeito da poeta e materiais que também forneceram embasamento teórico sobre conceitos de política e demais temas envolvidos. De acordo com Souza, Oliveira e Alves:

A pesquisa bibliográfica é o levantamento ou revisão de obras publicadas sobre a teoria que irá direcionar o trabalho científico o que necessita uma dedicação, estudo e análise pelo pesquisador que irá executar o trabalho científico e tem como objetivo reunir e analisar textos publicados, para apoiar o trabalho científico. (SOUZA; OLIVEIRA; ALVES, 2021, p. 67).

Baseado nisso este modelo foi escolhido, pois através da análise das obras de Sophia e os conhecimentos políticos chegou-se à conclusão de como o eu político de Sophia foi sendo criado no decorrer da publicação de seus poemas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da análise dos poemas selecionados da antologia *Coral e outros poemas*, foi possível identificar um crescimento do posicionamento político de Sophia no decorrer dos anos. Os poemas destacados como objeto de estudo refletem mais os acontecimentos da repressão, pobreza e fome decorrentes da instauração da ditadura salazarista.

A ditadura foi fortemente criticada nos textos de Sophia, assim como o chefe de governo, António Salazar. Sobre ele, Sophia não se reprimiu ao expor as atrocidades praticadas pelo governo, muitas delas mascaradas pela própria igreja católica, de quem Salazar recebeu apoio durante seu mandato.

Portanto, percebe-se que Sophia discorre sobre a hipocrisia dos indivíduos e ressignifica passagens bíblicas a fim de expor a falsidade dos apoiadores do governo salazarista, que usou de discursos vazios para receber apoio do meio mais conservador, como visto em “As pessoas sensíveis”. Constata-se ainda que, durante a escrita de poemas como “O velho abutre” e “Esta gente”, foram utilizadas figuras de linguagem, ao personificar animais em figuras políticas e o uso de figuras que, em sua simbologia, não representam o bem. Assim, Sophia, de maneira sutil, utilizou de sua arte como denúncia, a fim de não ter seus textos censurados.

Para a poeta, o capitalismo é uma forma de exploração dos ricos para com os menos privilegiados. Tal perspectiva é trabalhada pela autora ao criticar quem enriquece às custas do trabalho do outro.

Já nos poemas que tratam de acontecimentos pós-ditadura, existe a idealização de como as coisas poderiam ser, como visto em “A forma justa”. Ainda há a presença de poemas com cunho acusatório como “Com fúria e raiva” escrito em junho de 1974, entre outros.

Logo após esse período, Andresen passou a ocupar, ainda que brevemente, o cargo de deputada, o que enfatiza o crescimento de sua vida política dentro e fora dos livros e conseqüentemente um amadurecimento político. Isso fica evidente quando a poeta trabalha com mais propriedade os termos políticos “direta” e “esquerda”, como no poema “Nestes últimos tempos”.

Conforme visto, a política pode ser estudada em várias esferas: como ciência, justiça e poder. Considerando que política também é uma forma de organizar e gerenciar a sociedade, entendeu-se que, para Andresen, a política perpassou o espaço governamental e passou a ser abordada em seus textos como forma de denúncia das ações que fugiam à busca pelo bem comum dos cidadãos portugueses. Com isso, conclui-se que o eu lírico de seus poemas tem uma importância social ao trabalhar temas como repressão, violência e miséria.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. Tradução e Revisão da Tradução de novos textos: Ivone Castilho Benedetti. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. **Coral e outros poemas**. Organizado por Eucanaã Ferraz. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. Sophia: a luz dos versos. [Entrevista concedida a] José Carlos de Vasconcelos. **Jornal de Letras, Artes e Ideias**, Lisboa, n. 468, p. 8-13, 25 jun. 1991. Disponível em: <https://purl.pt/19841/1/galeria/entrevistas/f17/pag1.html>. Acesso em: 31 ago. 2022.
- ARISTÓTELES. **Política**. Tradução: Antônio Campelo Amaral e Carlos Gomes. Lisboa: Vega, 1998. (Coleção Veja Universidade/Ciências Sociais e Políticas).
- BÍBLIA. V. T. Genesis. Português. In: **Bíblia Sagrada**. Nova tradução na linguagem de hoje. São Paulo: Paulinas, 2011. 1504p.
- BÍBLIA. N. T. João. Português. In: **Bíblia Sagrada**. Nova tradução na linguagem de hoje. São Paulo: Paulinas, 2011. 1504p.
- BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de Política**. Tradução: Carmen C. Varriale Gaetano Lo Mônaco et al. Brasília: Universidade de Brasília, 1998.
- BREI, Z. A. Corrupção: dificuldades para definição e para um consenso. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 30, n. 1, p. 64-77, abr. 1996. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rap/article/view/8128>. Acesso em: 22 mar. 2022.
- CARREIRO, José. As pessoas sensíveis. **Folha de Poesia: Artes, Ideias e Sentimentos de Si**, 6 nov. 2016. Disponível em: <https://folhadepoesia.blogspot.com/2016/11/6-de-novembro-de-1919-dia-do-nascimento.html?m=0/>. Acesso em: 24 jan. 2022.
- GOMES, Guilherme. “A Forma Justa”, de Sophia de Mello Breyner Andresen (poesia). **Comunidade Cultura e Arte**, 7 mar. 2017. Disponível em: <https://comunidadeculturaearte.com/a-forma-justa-de-sophia-de-mello-breyner-andresen-poesia/>. Acesso em: 17 jan. 2022.
- LIMA, Engily Jurema Silva Cardozo de; CAMARGO, Luiz Rogério. A resistência à ditadura nos poemas de Sophia de Mello Breyner Andresen. **Caderno PAIC**, Curitiba: FAE Centro Universitário, v. 21, n. 1, p. 455-468, 2020. Disponível em: <https://cadernopaic.fae.edu/cadernopaic/article/view/412>. Acesso em 16 nov. 2021.
- MARTINS, Maria Antonia Dias. **Literatura portuguesa de resistência: a mulher, a guerra e o intelectual como armas de luta contra o salazarismo**. 2006. 135 f. Tese (Mestrado em História) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-06072007-113124/publico/TESE_MARIA_ANTONIA_DIAS_MARTINS.pdf. Acesso em: 16 nov. 2021.
- MATHIAS, Mathews. História e memória da Igreja Católica sob o Estado Novo salazarista. **História da Ditadura**, 21 jun. 2021. Disponível em: <https://www.historiadaditadura.com.br/post/historiaememoriadaigrejacatolicasoboestadonovosalazarista>. Acesso em 19 jan. 2022.
- MAUÉS, Flamarion. A edição política em Portugal: do combate à ditadura à revolução dos cravos. **Literatura e Autoritarismo: Dossiê**, n. 7, p. 313-341, maio 2012. Disponível em: http://w3.ufsm.br/literaturaeautoritarismo/revista/dossie07/RevLitAut_art14.pdf. Acesso em: 21 mar. 2022.

NAHAS, Nathália Macri. O confinamento em Grades: a poesia como resistência. **Nau Literária**, Porto Alegre, v. 13 n. 01, p. 71-84, 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria/article/view/75461/46906>. Acesso em: 17 set. 2021.

OLIVEIRA, Maria Madalena da Silva de. **O lexical e o simbólico no livro das aves**. 2005. 125 f. Tese (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2005. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/17878/1/2005_MariaMadalenaDaSilvaDeOliveira.pdf. Acesso em: 25 nov. 2021.

PASTORE, Paula Christina Falcão. **A simbologia dos animais em expressões idiomáticas inglês-português: uma proposta lexicográfica**. 2009. 220 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto, 2009. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/100109>. Acesso em: 23 mar. 2022.

ROANI, Gerson Luiz; MACHADO, Rodrigo Corrêa. A emergência de abril em o nome das coisas (1977), de Sophia de Mello Breyner Andresen. **Estudos Linguísticos e Literários**, Salvador, n. 51, 2015. DOI: 10.9771/2176-4794ell.v0i51.13753. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/estudos/article/view/13753>. Acesso em: 19 jan. 2022.

SILVA, Ana Paula. Porque – Sophia de Mello Breyner Andresen. **Viajar pela Leitura**, 25 mar. 2014. Disponível em: <http://annapasilva.blogspot.com/2014/03/porque-de-sophia-de-mello-breyner.html>. Acesso em: 19 jan. 2022.

SILVA, Gustavo Jorge. Conceituações teóricas: esquerda e direita. **Humanidades em Diálogo**, v. 6, p. 149-162, 2014. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/humanidades/article/view/106265>. Acesso em: 19 jan. 2022.

SOUZA, Angélica Silva de; OLIVEIRA Guilherme Saramago de; ALVES Laís Hilário. A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos. **Cadernos da Fucamp**, Monte Carmelo, v. 20 n. 43, p. 64-83, 2021. Disponível em: <https://www.fucamp.edu.br/editora/index.php/cadernos/article/view/2336>. Acesso em: 19 set. 2021.

SOUZA, Mariana Jantsch; SPAREMBERGER, Alfeu. Memórias do salazarismo em o “Vale da Paixão”, de Lídia Jorge. **Anuário de Literatura**, Florianópolis, v. 19, n. 2, p. 77-93, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/view/2175-7917.2014v19n2p77>. Acesso em: 21 mar. 2022.